

# Imperialismo

João Pedro Ricaldes dos Santos

**Imperialismo é a política de expansão e domínio territorial, cultural e econômico de uma nação sobre outras. O imperialismo do século XIX pode ser também denominado como neocolonialismo, por possuir muitas semelhanças com o colonialismo dos séculos XV a XVIII.**

As origens do imperialismo encontram-se na dinâmica da economia mundial, determinada pelas mudanças internas nos países industrializados do século XIX. É possível identificar dois momentos específicos no desenvolvimento do capitalismo industrial do século XIX. A expansão concorrencial de meados do século (1850-1870) e a expansão mundial iniciada após a Grande Depressão de 1873, estendendo-se até as vésperas da Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

## **A expansão concorrencial de meados do século (1850-1870)**

Após as revoltas da Primavera dos Povos (1848) a economia dos países industrializados entra em um período eufórico de crescimento do comércio e da indústria. “O comércio mundial entre 1800 e 1840 não tinha chegado a duplicar. Entre 1850 e 1870 cresceu 260%” (Eric Hobsbawm, A Era do Capital – 1848-1875-, 1982, Paz e Terra, pag 54). As razões deste boom resultam de: uso em grande escala das novidades tecnológicas, principalmente o vapor, a estrada de ferro e o telégrafo; crescimento geral dos preços e dos lucros; capital disponível no mercado financeiro. A dinamização simultânea da produção, do transporte e da comunicação criou um “mundo único”, isto é, globalizado. O mundo inteiro tornou-se parte desta economia.

“Olhando retrospectivamente meio século depois, H. M. Hyndman, simultaneamente um homem de negócios vitoriano e um marxista (apesar de atípico em ambos os papéis), corretamente comparou os dez anos de 1847 a 1857 com a era das grandes descobertas geográficas e as conquistas de Colombo, Vasco da Gama, Cortez e Pizarro. Apesar de nenhuma descoberta dramática ter tido lugar e (com exceções relativamente menores) poucas conquistas formais terem sido realizadas por conquistadores militares, por razões práticas um mundo econômico inteiramente novo somou-se ao antigo e integrou-se nele”. (Eric Hobsbawm, A Era do Capital – 1848-1875-, 1982, Paz e Terra, pag 53)

Há ainda um importante fator político que acompanha esta expansão: a destruição das barreiras legais, medievais e protecionistas. Na Inglaterra, por exemplo, foram extintas as

polêmicas Leis do Trigo, que desde o século XII protegia os produtores rurais contra cereais importados. Também foram eliminadas as antigas leis contra a usura, tipicamente medievais. A mineração, essencial nesta fase do capitalismo, foi completamente liberada à iniciativa privada: “qualquer empresário poderia então reclamar os direitos de exploração para qualquer mineral que viesse a achar e conduzir a exploração da forma que melhor lhe aprouvesse” (Hobsbawm, p 56)

Apenas os EUA mantiveram leis protecionistas. Os outros concorrentes da Inglaterra beneficiaram-se, de alguma forma, do livre comércio. Para os países subdesenvolvidos, que não concorriam industrialmente, era particularmente atraente este cenário, pelo menos dentro dos limites de suas economias agro-exportadoras. No caso dos países europeus que já estavam em processo de industrialização (França, Itália, Alemanha, Bélgica, Holanda) este período de liberalização também os beneficiavam, seja pelo uso de máquinas e ferro ingleses em suas próprias fábricas, seja pelo acesso a tecnologia.

“A expansão geral do comércio mundial beneficiou a todos, mesmo que beneficiasse desproporcionalmente à Inglaterra. Tanto um comércio de exportação grande e sem impedimentos, quanto uma fonte de alimentos e matérias-primas igualmente grande e sem impedimentos eram evidentemente desejáveis. Se alguns interesses específicos pudessem ser afetados de forma adversa, havia outros que a liberalização compensava. (...) O ferro para estradas de ferro e maquinaria não inibiu a industrialização de outros países, mas, pelo contrário, facilitou-a”.

(Eric Hobsbawm, A Era do Capital – 1848-1875-, 1982, Paz e Terra, pag 53)

## A expansão mundial: 1873 à I Guerra (1914).

A Grande Depressão do século XIX fechou a longa era do liberalismo econômico. A Grande Depressão foi, além de uma crise financeira mundial, um período deflacionário (1873-1896), isto é, de queda dos preços dos produtos primários e industriais. A crise dos preços trouxe sérios problemas para os trabalhadores agrícolas, que em inúmeros países ainda representavam a maioria esmagadora da força de trabalho masculina. Esta crise impulsionou o movimento migratório em massa a partir de 1880 em países como Itália, Espanha e o Império Austro-húngaro. Foi causada pela concorrência entre uma quantidade muito grande de empresas e também pelo esgotamento tecnológico (carvão, ferro, máquinas a vapor). Ferrovias e siderúrgicas foram paralisadas. Ações nas Bolsas desvalorizaram-se.

**A resposta a esta crise desenvolveu-se por quatro vias: protecionismo, concentração de capital (monopólios, cartéis..), inovação administrativo-tecnológica e, principalmente o imperialismo.** As tarifas protecionistas se tornaram um elemento permanente no cenário internacional (até a era neoliberal de 1980). O instrumento desta política é o Estado e, assim, o capitalismo assume um caráter nacionalista. A Depressão transformou as economias nacionais em economias rivais, origem mais profunda das duas Grandes Guerras. A nova política de intervenção estatal na economia mundial fez a indústria prosperar. A produção industrial do período entre 1880 e 1914 foi maior do que no período anterior, de livre concorrência internacional. Em 1870, os quatro países principais geraram 80% da produção industrial do mundo, “mas em 1913 sua participação foi de 72%, com uma produção cinco vezes maior” (Hobsbawm, A Era dos Impérios, pag 68).

A segunda reação à Depressão foi a concentração econômica, através de fusões, aquisições, formação de cartéis e trustes. A terceira reação foi a racionalização da administração (o taylorismo). A quarta reação foi a inovação tecnológica. O período é marcado, ainda, pela convergência explícita entre economia e política através da ação do Estado na imposição de tarifas protecionistas, na promoção dos negócios e na corrida imperialista.

## Imperialismo: métodos e resistência

Segundo o historiador Eric Hobsbawm, “o novo imperialismo foi o subproduto natural de uma economia internacional baseada na rivalidade entre as economias industriais concorrentes, intensificada pela pressão econômica dos anos 1880” (Hobsbawm, E. A Era dos Impérios, Paz e Terra, 1988, pag 101). Os principais objetivos da corrida imperialista foram a busca das novas matérias primas (borracha asiática, cobre, petróleo, estanho), além da ampliação do mercado consumidor.

A partilha da África foi estabelecida entre os europeus no Congresso de Berlim (1884-1885). A África (exceto Libéria e Etiópia) e as ilhas do Pacífico foram inteiramente divididas entre os imperialistas. As milenares nações da Ásia (exceto o Japão), assim como as jovens nações da América Latina, mantiveram a autonomia formal, mas foram dominadas economicamente através de tratados comerciais e políticos.

A Inglaterra foi a dona do maior império do século XIX. Dominou diretamente a África do Sul, o Egito e a Índia e indiretamente teve o controle do mercado de amplas áreas da China, da África Oriental e da América do Sul.

A França colonizou diretamente a Argélia e o Marrocos e dominou indiretamente a Indochina e parcelas da China. Alemães, italianos, belgas, holandeses e portugueses também dominaram vastas regiões africanas e asiáticas.

Dois novas potências participam desta exploração internacional. O Japão domina parte da Coreia e da China. Os EUA controlam o mercado da América Central e algumas ilhas do Pacífico, iniciando ainda no século XIX o seu domínio econômico mundial, hoje hegemônico.

Os europeus desenvolveram teorias racistas que contribuíram para defender o imperialismo. O darwinismo social foi a crença predominante, mas até o cristianismo estimulou a dominação, através de um imenso trabalho missionário. Os europeus acreditavam, portanto, que os brancos eram superiores culturalmente e, assim, detinham o direito, senão a missão, de expandir sua cultura, mesmo à força.

Os povos africanos e asiáticos resistiram permanentemente à invasão européia, mas conquistariam sua independência no processo de descolonização, iniciado após a Segunda Guerra Mundial.